

---

## O SER HUMANO E SUA FORMAÇÃO PESSOAL EM EDITH STEIN: UM GESTO EMPÁTICO\*

---

DOI 10.18224/frag.v29i3.7144

EMIVALDO SILVA NOGUEIRA\*\*

Resumo: *a formação humana por meio da empatia é atemporal. Ao ler os escritos de Edith Stein, temos a sensação deles terem sido escritos exatamente nos tempos hodiernos. Esta pensadora apresenta uma perspectiva judaico cristã sobre a importância da formação humana para a vivência vocacional a partir de um arquétipo particular: Jesus Cristo. É por esta razão que, apresenta-se este estudo cuja proposta é observar quais foram os passos trilhados por esta teóloga na sua análise do conceito de pessoa humana, a partir de uma antropologia, que ela subdivide da seguinte forma: matéria inanimada (objetos), matéria animada (vegetativa) e a alma animal (sensitiva) para chegar ao especificamente humano; a pessoa. Edith Stein, canonizada como Santa Tereza Benedita da Cruz, espera que todo ato pedagógico esteja embasado em uma antropologia como fundamento, partindo sempre da questão fundamental: que é o ser humano? Tal questão define a visão e o ato educativo. A zoologia e a antropologia são disciplinas paralelas, já que ambas estudam o animal, seja o irracional quanto o racional, mas não são iguais, pois no animal racional a individualidade adquire significado singular enquanto que a outra não. Para esta mulher, nenhuma ciência animal é paralela as ciências do espírito. O animal carece de sentido interno e sua alma não possui profundidade. Na pessoa humana existe um núcleo interior, a “alma da alma”, o “interior mais íntimo, o mais espiritual”. Em resumo, o ser humano possui uma alma racional como morada do espírito pessoal, que será formado tendo Jesus como base arquetípica.*

Palavras-chave: *Formação pessoal. Empatia. Ser humano. Edith Stein.*

**E**dith Stein foi uma grande teóloga e filósofa alemã, discípula fiel de Edmund Husserl, cujo pensamento conserva o método fenomenológico. Morta na câmara de gás pelo regime nazista foi e é hoje um sinal de contradição em uma sociedade

---

\* Recebido em: 13.02.2019. Aprovado em: 23.04.2019.

\*\* Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2017). Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2013). Professor conteudista da Faculdade Araguaia. *E-mail:* filliusorion@hotmail.com.

desumana e reducionista. Em uma época de grandes descobrimentos a respeito da constituição transcendental da pessoa humana na perspectiva da filosofia e da psicologia, Stein ofereceu e oferece grandes contribuições. Baseado na importância dessa pensadora e na atualidade da sua antropologia filosófica escolheu-se como tema deste estudo o ser humano e sua formação pessoal em Edith Stein. Sabe-se que esse tema é bastante complexo, visto que cada pessoa possui uma individualidade que merece um estudo acadêmico específico.

Ser humano é um ser pessoal, e ser pessoa pressupõe liberdade e espiritualidade, ou seja, o homem possui em si, além da capacidade de conhecer-se por meio do autodiscernimento, também pode conhecer, uma vez que, sendo pessoa, o ser humano é abertura, cuja vivência empática<sup>1</sup> o constitui como ser interpessoal. A individualidade da pessoa humana é peculiar, já que, como afirma Edith Stein, ela é tripartida unitariamente, a saber: corpo, alma (psique) e espírito. No pensamento fenomenológico de Stein, a pessoa humana tem que realizar-se, e é sua responsabilidade perseguir tal realização por meio dos “materiais formativos”<sup>2</sup>.

A pessoa é o resultado de um trabalho formativo e Edith Stein descreve fenomenologicamente a pessoa humana *em ação*<sup>3</sup>. Por isso, para esta pesquisa, observaremos os passos trilhados por esta teóloga na sua análise do conceito de pessoa humana, a partir de uma antropologia, que ela subdivide da seguinte forma: matéria inanimada (objetos), matéria animada (vegetativa) e a alma animal (sensitiva) para chegar ao especificamente humano; a pessoa. Edith Stein espera que todo ato pedagógico esteja embasado em uma antropologia como fundamento, partindo sempre da questão fundamental: que é o ser humano? Tal questão define a visão e o ato educativo. A zoologia e a antropologia são disciplinas paralelas, já que ambas estudam o animal, seja o irracional quanto o racional, mas não são iguais, pois no animal racional a individualidade adquire significado singular enquanto que a outra não. Nenhuma ciência animal, afirma Stein, é paralela às ciências do espírito. O animal carece de sentido interno e sua alma não possui profundidade. Na pessoa humana existe um núcleo interior, a “alma da alma”, o “interior mais íntimo, o mais espiritual”<sup>4</sup> (STEIN, 2013, p. 392). Em resumo, o ser humano possui uma alma racional como morada do espírito pessoal.

Há, portanto, uma formação do corpo, da alma e do espírito, mediante os fatores formativos. Na concepção teológica de Stein, Deus é o formador por excelência, e o arquétipo da formação é seu Filho Jesus Cristo. Se para os filósofos socráticos, Sócrates é a figura modelo, semelhantemente, Jesus Cristo é o arquétipo para os cristãos. Apresentaremos, então, o pensamento teológico de Edith Stein com a descrição do ser humano e de sua formação pessoal, a partir do método fenomenológico. Utilizaremos como obra de referência “*Sobre el concepto de formación*” da própria pensadora em questão. Além disso, também foram empregados outros escritos que tratam do tema de interesse desse estudo, bem como obras de demais estudiosos.

## A MATÉRIA INANIMADA E ANIMADA

Segundo Stein (2013) as matérias inanimadas são suscetíveis de serem plasmadas e formadas. Mas o que é matéria? Stein acredita que matéria é tudo o que não está totalmente formada, sendo Deus a matéria prima ou *amorfa*. A matéria inanimada são os objetos, portanto, não possuem alma. São, por isso, totalmente passivas. Salvo Deus como matéria prima da qual são criadas todas as matérias e formas.

A matéria animada, também, é passível de ser formada. As inanimadas se encontram mais ou menos acabadas. As plantas possuem uma forma interior que atua formando desde dentro. “A planta ornada de suas flores representa o ponto mais elevado da formação de si” (STEIN, 2013, p. 283). Há aí uma alma. Alma é o princípio vital interior. Nas plantas se denominam *alma vegetal* ou *vegetativa*. Nelas existem múltiplas possibilidades, de acordo com as atuações externas, em assumir uma ou outra forma. Segue que na alma animal existe um nível distinto da alma vegetal.

A alma animal está no nível superior dentre os seres vivos. “Em geral, se pode dizer que, o que distingue o animal da planta é a capacidade de sentir e de mover-se livremente no espaço” (STEIN, 1998, p. 68). A alma é sensitiva, pois possui uma vida anímica, isto é, ocorre intercâmbio de estímulos-reações. É no corpo do ser humano, por sua vez, que acontece o processo cognitivo, de modo que, “o corpo próprio está, por natureza, constituído por sensações, as sensações são componentes reais da consciência e, como tais, pertencentes ao eu” (STEIN, 2005, p. 128). Nesse sentido,

o ato de percepção é o ato que dá acesso ao sujeito na sua vivência pessoal. Sua interioridade, dessa forma, passa a ser objeto de reflexão, formando assim a vivência reflexiva. Este ato concebe uma consciência sabedora de algo capaz de entender e apreender o dado perceptivo no seu sentido *eidético* – essencial (ALMEIDA, 2014, p. 14).

Dessa maneira, o ser humano experimenta o conhecimento, de forma que, sua formação principia no ato perceptivo, reflexivo e *eidético* do vivenciar. O corpo, com suas sensações, é um acesso ao interior pessoal.

O animal possui um centro interno de livre movimento. “Livre significa, por um lado, que diferente das plantas, os animais não estão atados a um lugar determinado” (STEIN, 1998, p. 77), mas, é um “livre” movimento sem vontade. “Precisamente aqui reside à diferença entre o movimento animal e o humano, e entre o homem mesmo e o animal e o especificamente humano” (STEIN, 1998, p. 78).

## A ALMA HUMANA E SUA CONSTITUIÇÃO MATERIAL

A alma humana é *forma interior* (alma interior). Ela forma e governa o corpo, percebe em si mesmo o que sucede e o que pode suceder. É alma *racional*, é *espírito*. Segundo Éric de Rus (2015, p. 12) “a educação é um gesto antropológico integral”. E, se a formação educativa da pessoa é gesto antropológico, então urge enfrentar “a questão fundamental, - colocada na introdução deste artigo -, o que é o ser humano?” (RUS, 2015, p. 13). A formação antropológica necessita, com isso, de uma imagem *ideal-real*, cujo processo formativo deseja alcançar, a saber: a pessoa. Stein afirma que a antropologia é o fundamento da pedagogia, e isso quer dizer que, todo ato pedagógico pressupõe uma noção de pessoa, de homem, de ser fenomênico.

A pessoa emerge fenomenologicamente. Prestar atenção na ação da pessoa é essencial na formação, porque, o que se quer é a *coisa mesma*, ou seja, a pessoa em si, seu *núcleo pessoal*, sua alma. Na postura fenomenológica “não faz uso dos resultados de ciência alguma: isto é, em si, compreensível, porque uma ciência que quer ser a clarificação última de todo conhecimento científico não pode se apoiar, por sua vez, sobre ciência já fundamentada, mas

deve se fundar em si mesma” (STEIN, 2005, p. 79). Então, o método fenomenológico tem por base: “fixar nossa atenção nas coisas mesmas” (STEIN, 1998, p. 49). No viés educativo, a *coisa mesma* é o educando.

Corroborando com isso, como bem sintetiza o filósofo Abraham Heschel (2002, p. 140).

educar significa cultivar a alma, não apenas a mente. Cultiva-se a alma cultivando-se a empatia e o respeito pelos outros, exaltando-se a grandeza e o mistério de todo ser, a dimensão sagrada da existência humana, ensinando-se como relacionar o comum ao espiritual. A alma revela-se na resposta, nos atos que transcendem o próprio eu, no conhecimento de fins que superam os interesses e necessidades próprias.

Os gregos estudavam para compreender. Os hebreus estudavam para poder respeitar. O homem moderno estuda para usar e aceitar a máxima que diz; “saber é poder”. É assim que se estimulam as pessoas para que estudem: a informação significa sucesso. Já não sabemos como justificar valor algum, se não for a termos de utilidade. É uma bobagem pretender que a informação científica por si só possa conceder aos homens uma imagem completa de si mesmos e possa responder as principais perguntas sobre o sentido e o valor, e sobre como resolver o mistério da vida e da morte.

Com isso, educar implica instigar as capacidades para que a pessoa encontre ocasião para atualizar-se, autodiscernir-se. A alma humana possui um *mundo espiritual*. Como preceitua Stein, a alma faz parte, em si mesma, da humanidade, porque é um grande todo: “procede de uma mesma raiz, se dirige a um mesmo fim, está implicada em um mesmo destino” (STEIN, 1998, p. 27). Ela tem uma existência própria e superior a do corpo. Vida própria no sentido que pode transcender a materialidade.

Nesse sentido, a pessoa tem que constituir-se, formar-se e governar-se a si mesma e construir um mundo espiritual. Pois, a pessoa possui um *núcleo interior* de onde parte o processo formativo para formar o corpo e a alma. Existe na pessoa humana uma “alma da alma”, ou seja, a pessoa “é um ente que possui espírito” (BELLO, 2015, p. 86), e por possuir espírito, está aberta a verticalidade ontológica e a horizontalidade *entropática*. Desse modo, sua formação lhe é fundamental. A relação evidencia a pessoa porque a pessoa é o fenômeno da singularidade individual. A pessoa é singular e possui um núcleo (*kern* – em alemão), ou seja, um núcleo pessoal último.

Daí segue sua identidade pessoal, de modo que, “a pessoa humana tem possibilidades de crescer quando explora seu verdadeiro potencial e toma plena consciência de si mesma, chegando ao núcleo de sua personalidade” (ALFIERI, 2014, p. 15). O núcleo mais íntimo é, em verdade, a última realidade do *eu* da pessoa. É o “lugar<sup>5</sup>” onde o *eu* descansa. É sua morada. Em conformidade com a noção mística de Stein, é a “sétima morada da alma”<sup>6</sup>. “Stein desenvolveu a noção de núcleo (*kern*), que não é uma substância de condição material, definindo-o como a característica da singularidade pessoal”. [...] “no interior mais profundo da pessoa, em seu núcleo, é definido por Stein como a ‘alma da alma’” (SBERGA, 2014, p. 89).

“O que é ‘interior e mais íntimo’, é também o ‘mais espiritual’, o mais separado da matéria, o que move a alma em sua profundidade” (STEIN, 2013, p. 392). A formação deve, por isso, atingir o núcleo da pessoa, isto é, sua singularidade. De modo a instigar o formando a responder com livre vontade. Na constituição reflexiva de Adair Sberga (2014, p. 90),

“o núcleo é aquilo que a pessoa é em si”. Segue que brota do *em si mesmo* a atualização das potências. É o lugar da fertilidade pessoal, da força vital. Se a pessoa age, então age espiritualmente, consciente de si mesmo e do mundo circundante. O núcleo, no entanto, jamais se atualiza totalmente. Por isso, a formação é um processo sempre a se fazer a partir do feito, é uma constante rememoração, um autodiscernimento.

O núcleo é um centro de irradiação de onde se vive e se decide as vivências mais significativas. Os significados das coisas advindas dos sentidos passam pela constituição do mundo interior. O mundo interior da pessoa não se fecha em si mesmo porque se alimenta desde fora. Pois, “é próprio da constituição da pessoa humana apontar ao que se encontra fora dela mesma” (STEIN, 1998, p. 244), isso se dá devido à pessoa ser um ser social. Por isso, a pessoa humana experimenta-se na relação interpessoal.

Em consonância, Karol Wojtyła, o Papa João Paulo II, também, imbuído do método fenomenológico, analisa o ser humano como pessoa em ação e, a pessoa, tanto para Stein quanto para Wojtyła, é a manifestação da espiritualidade do ser humano. Em face disso, Wojtyła (1982, p. 305) pressupõe que, porque o homem atua “junto com os outros”, então, esse modo de proceder revela não somente uma intersubjetividade, mas uma participação, e tal participação, atualiza o homem enquanto pessoa humana. Isso só acontece porque “o homem vive ‘junto com os outros homens’; na realidade, podemos chegar a dizer que existe junto com os outros homens” (WOJTYLA, 1982, p. 306).

Wojtyła pontua que esse fato de viver e atuar junto com os outros homens é uma característica comunitária, ou seja, de relações inter-humanas, podendo significar que, as coisas e/ou objetos de valor, são alimentos para a alma, enquanto que os bens culturais são produtos do espírito humano. Para Stein, o homem é um ser concreto, não um indivíduo isolado, mas um membro de grupos *suprapessoais*, é por isso que a missão do educador é formar a pessoa não só como indivíduo, mas também como membro do todo, do comum. Deste modo, os valores dos objetos passam a constituir valores espirituais, e os objetos materiais podem ser assimilados pela alma quando entram em contato com eles. Éric de Rus (2015, p. 77) assimilou bem isso quando, citando Stein, propôs que:

‘conhecer a criança significa igualmente perceber algo da orientação para a uma finalidade inscrita em sua natureza. Não podemos formar os seres humanos em vistas de uma finalidade que seria a mesma para todos, nem segundo um esquema geral. Respeitar o que é próprio a cada criança é um meio essencial para detectar a orientação interior a uma finalidade’.

Parece pertinente que o gesto educativo antropológico exige o amor à pessoa que se quer proporcionar a formação. Educar é uma atitude empática, cuja “apreensão se dá num todo do *empatizado*, ou seja, captamos a pessoa espiritual em conformidade com seu corpo e sua alma. Amar a pessoa quer dizer amá-la por inteira” (ALMEIDA, 2014, p. 45). Sendo a empatia a vivência *sui generis* e universal, emerge a possibilidade de uma educação empática. Deste modo, tem-se correspondência empática entre educador e educando. Feito na consciência e na liberdade, a pessoa se manifestará em criatividades infinitas. É por isso que, a educação é um gesto de “*vocação epifânica*”, ou seja, a educação manifesta a pessoa, põe a pessoa em ação, de modo que, o gesto educativo, aponta para a alma no seu núcleo, cuja vida escondida se revela na ação conscienciosa. O gesto pedagógico vai ao interior da pessoa para

que ela perceba os valores e se constitua como pessoa humana integral a partir de dentro. O alimento da alma vem de fora, a resposta livre e consciente vem de dentro. A cultura, os valores e o sentido afetivo, contribuem para a formação do caráter.

O caráter designa, a princípio, a unidade das propriedades individuais de cada pessoa. [...] As ‘propriedades permanentes da alma que se manifestam nas vivências’ correspondem às faculdades constitutivas. Por exemplo: ‘a memória que se manifesta em nossas recordações’ (RUS, 2015, p. 76).

Pode-se dizer que, assim, se desenvolve a alma e o espírito. “O órgão da alma que abre ao mundo é o *intelecto*” (STEIN, 2003, p. 184). A alma está fundida no corpo, é uma unidade. Devido a isso a saúde e o descanso do corpo contribui para a força da vida da alma. A formação humana há de chegar ao seu espírito. É preciso, na formação humana, alimentar o corpo, a psique (alma) e o espírito se quiser que ela seja integral. Em cada esfera pessoal há uma necessidade formativa. A formação deve considerar que, “algumas pessoas têm atividade espiritual muito desenvolvida como refletir, avaliar, decidir, e outras não o fazem da mesma forma, mas poderiam fazê-lo: este é o núcleo da educação, física, psíquica ou espiritual” (BELLO, 2006, p. 42).

## A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO E A PAZ DA ALMA

A formação do homem ocorre, constitutivamente, na formação do espírito. No que se refere à formação da pessoa, requer o cuidado com sua liberdade, pois, cada homem é um eu singular. Por isso, é também “livre e espiritual [...]. Que quer dizer liberdade? Quer dizer o seguinte: eu posso” (STEIN, 1998, p. 141-142). Consciente dessa verdade sobre a pessoa, o gesto educativo deve tornar-se livre de pretensões em controlar o educando. “Conhecer uma criança quer dizer também compreender os fins a que se orienta sua natureza” (STEIN, 1998, p. 25). O educador semeia, apenas. “Mas, se são enfim assimilados, isto já não está nas mãos do formador humano: Paulo semeou, Apolo regou – quem faz crescer é Deus” (STEIN, 2003, p. 191). Parafraseando Heschel (2002, p. 21),

para que uma ideia se torne realidade, o professor deve reviver seu significado, deve estar convencido do que diz. Só a profundidade traz profundidade. A tarefa do professor é ser como uma parteira para o aluno e uma parteira para toda a tradição. As ideias nascerão mortas em mãos de uma parteira atrapalhada. O resultado pode ser um monstro. Nas mãos de um mestre dedicado, nascerá uma vida nova.

Assim, “a intropatia é uma vivência *sui generis*, inexplicável por comparação com qualquer outro tipo de vivência” (ALFIERI, 2014, p. 88). Stein nos oferece um exemplo da essência empática: “um amigo vem até a mim e me conta que perdeu seu irmão, e eu noto sua dor. Que é este notar?” (STEIN, 2005, p. 82). Este “notar” tem um sentido vivencial da dor, implica uma percepção, apreensão e compreensão do outro. Esta é a vivência empática. O “notar a dor” é o elemento primário da empatia mesma.

A formação da alma, desse modo, exige a elaboração do material. O sujeito humano é o agente ativo. Stein, afirma nesse viés que, “todo nosso ‘mundo cultural’, tudo aquilo que

existe de moldado pelas ‘mãos do homem’ todos os objetos de uso, todas as obras de artesanato, de técnica, de arte, são correlatos da realidade do espírito” (STEIN, 2005, p. 174). A alma possui um centro interior cujo núcleo é o lugar *intercambiante* dos materiais estimulantes. Ela é indivisível e existe, necessariamente, de maneira individual. Assim, “a constituição natural da alma é uma forma fundamental” (STEIN, 2003, p. 186). Porém, a forma não existe de antemão já pronta, ela vai se moldando ao longo da formação. O atuar é livre e possui um ritmo singular.

Dessa maneira, formar-se significa passar do homem animal ao homem pessoa. “O que o homem teria que formar seria toda a sua natureza animal. E o resultado dessa formação seria o homem totalmente desenvolvido, plenamente formado como pessoa” (STEIN, 1998, p. 144). A pessoa é a meta da formação humana. É preciso, pois, considerar a natureza espiritual do homem de modo a exigir do educador uma espiritualidade no agir pedagógico. Entretanto, “o educador não chegará nunca a compreender perfeitamente a natureza do educando. (Temos que ter em conta especialmente o caráter misterioso da *individualidade*. Tampouco devemos duvidar que, com cada geração aparece algo novo, não totalmente compreensível para a geração anterior)” (STEIN, 1998, p. 23). Na alma, isto é, na “forma há um centro e uma periferia, uma superfície e uma profundidade” (STEIN, 2003, p. 186), sendo que tudo tem o seu lugar, o seu espaço. Por isso, nos materiais recebidos, algumas pertencem à superfície e outras a profundidade. Stein pontua que a alma é um *microcosmo* enquanto imagem do *macrocosmo* do mundo. Emerge daí a organização da alma.

Ora, se tudo está “em seu lugar”, então existe a quietude, a claridade e a paz. Assim, paz é o repouso da alma em si mesma. Tocar em si mesmo equivale a mais profunda liberdade ante as coisas. Nesse sentido, vale recordar que a consciência é uma luz interior, cuja ação permite a pessoa conhecer a si mesma. Para Stein o profundo da alma é acessível, e isso é fruto da formação da pessoa, mas é preciso pontuar que nunca atingiremos a completude de nós mesmos, porque, sendo pessoa, somos mistério inesgotável. A formação deve ter isso em mente para não agredir o valor inalienável da pessoa em sua liberdade e dignidade.

Todavia, os educadores, com seus métodos, e Deus, com sua graça, podem colaborar para a formação do ser humano. A pessoa, como resultado da formação, é decisão dela mesma ante as possibilidades formativas. Pode-se dizer que, ante a fenomenologia dos atos da pessoa, o educador pode colher a individualidade da pessoa e atingir empaticamente seu núcleo, instigando a formação educativa. A didática enquanto arte pedagógica deve, assim, visar o íntimo pessoal, de modo a fazer sentido para o educando os materiais formativos. A alma, assim, está harmonicamente formada. Entretanto, isso não significa que “já não tenha nada por fazer” (STEIN, 2003, p. 187). Pois, “A inércia e a inatividade são propriedades da matéria. O espírito é ativo e vivo” (STEIN, 2003, p. 187).

É importante lembrar também que, o material recebido pela alma é alimento espiritual, pois é daí que ela recebe os estímulos para criar e formar a si mesma. “O mundo em que vivemos não é meramente um mundo perceptivo. As coisas estão extremamente relacionadas” (STEIN, 1998, p. 146). A alma, com sua vitalidade espiritual, se sente instigada a fazer seu próprio ser, e neste movimento ativo, que é o processo de formação, constrói-se a personalidade. Para Stein, este é o objetivo e a missão do trabalho educativo; ativar as capacidades práticas e criativas do *núcleo interior* ante os fatores formativos.

## OS FATORES DA FORMAÇÃO E OS MATERIAIS FORMATIVOS

Até o momento tem-se observado que Stein apresentou vários conceitos para explicar o que ela entende por formação e constituição da pessoa humana, desde a matéria amorfa (ou inanimada), passando pelo *núcleo interior* (a alma), até chegar numa antropologia fenomenológica. Todo esse passo-a-passo tem como escopo basilar, chegar ao que ela preceitua por imagem arquetípica, que trabalharemos ao final deste artigo, como sendo a pessoa de Jesus Cristo.

De acordo com Stein, formar é dar forma a um material, de modo a atingir a figura de uma imagem. Ora, “qual é a imagem segundo o qual a alma deve ser plasmada? E quem ou o que é o sujeito da atividade formadora?” (STEIN, 2003, p. 187). Para responder a estas inquietações, é importante recorrer à teologia cristã, bem como a tradição ocidental de onde Edith Stein nutre suas convicções após sua conversão, que apresenta a pessoa de Jesus Cristo como a imagem do formando, como aquele que sofre a ação formativa mediante a Graça Divina.

Com isso, “a formação do homem chega à plenitude através da forma interior” (STEIN, 2003, p. 190). Porque a pessoa é livre e tem em suas mãos a si mesma. Mas, a pessoa

não é somente responsável disto [...] não pode ‘fazer-se por si mesmo’ o que ela quer [...] são impostos limites por sua constituição natural [...] se não se contenta com o que para ela está determinado, então não há nenhuma formação autêntica, mas uma formação fictícia, uma ‘aparência exterior’ (STEIN, 2003, p. 190).

O homem colhe os materiais formativos na sua maior parte de fora si, ou seja, a formação necessita dos materiais disponíveis, da acolhida natural e da livre atividade do formando. É preciso pontuar que há condições de desenvolvimento, porque “as capacidades do homem que não encontra ocasião para atualizar-se podem ficar atrofiadas” (STEIN, 1998, p. 140). O educador em seu gesto pedagógico, mediado pela empatia, tem acesso a interioridade do educando. A percepção, apreensão e a compreensão da vivência alheia são de fundamental importância, e exige do educador respeito e reconhecimento do valor inalienável do formando. Assim, todo gesto pedagógico deve ser mediado pela empatia. “Com isso, podemos conhecer o conteúdo da experiência alheia na medida em que a vivência *entropática* nos revela a experiência subjetiva alheia, favorecendo a intersubjetividade, numa relação de proximidade entre os sujeitos” (ALMEIDA, 2014, p. 24).

A empatia como vivência aproximativa, ativa os valores interpessoais e cria um espaço formativo integral, porque empatia é “entrar” no *alter ego* de forma livre e consciente, por isso, todo gesto pedagógico deve fundamentar aí sua construção educativa. Uma atitude apática por parte do educador pode gerar distanciamento e incompreensões. O educador deve ser pessoa porque, “só quem vivencia a si mesmo como pessoa, como totalidade de sentido, pode entender as outras pessoas” (STEIN, 2005, p. 199). Por isso, “quando o educando se fecha, o educador precisa encontrar uma via de acesso, mas nenhum ato arbitrário consegue essa aproximação” (SBERGA, 2014, p. 221).

Do encontro *entropático* gera a palavra “encarnação do espírito”, ocorre uma intuição espiritual da pessoa alheia. Possibilita uma compreensão do mundo interpessoal do educando. Isso é de suma importância no processo ensino-aprendizagem. Em razão disso, Stein afirma que, “o ato no qual se capta a essência é uma percepção espiritual, que Husserl

denominou intuição” (STEIN, 1998, p. 50). A formação quer alimentar, portanto, a pessoa inteira porque sendo um gesto antropológico integral, requer envolver uma educação corporal, psíquica e espiritual. Por isso, a redução fenomenológica à *pessoa mesma* exige sua tripartição. Não obstante, “não há uma separação tripartida, mas uma unidade tripartida, isto é, pelos atos podemos identificar o *eu* e sua estrutura” (ALMEIDA, 2014, p. 49-50). Somente um gesto pedagógico integral-tripartido pode chegar ao núcleo pessoal (*kern*).

A vivência empática deve ser um gesto ético, digno de confiança. Pois, não é processo tão simples confiar o “íntimo mais íntimo” a outrem. Sendo a pessoa indivíduo, possui caráter *monádico*, quase que impenetrável. Mas, apesar disso, o indivíduo é pessoa, e por isso, é *mônoda intropática*, ou seja, aberto a intersubjetividade. O indivíduo se torna um polo *ego-lógico* em tensão entre o *ego* pessoal e o *alter ego* interpessoal.

Portanto, torna-se arbitrário exigir de todos os educandos a mesma resposta à formação. Cada um possui um ritmo de se alimentar das possibilidades formativas. É preciso ter em mente os meios formativos, a liberdade da pessoa e a Graça Divina. Quem semeia, deve semear com respeito à liberdade do formando, para não manipular, ameaçar, coagir e apressar a formação. Por isso, só Deus, que é paciente e misericordioso, é o formador por excelência. Parafraseando o evangelista Mateus 23,8, Jesus diz a seus discípulos: “não sejais chamados de Mestres; um só, pois é vosso Mestre, todos vós sois irmãos”, sendo irmãos, somos todos formando porque o Pai é o formador. Somos imagem da Imagem.

## A FORMAÇÃO HUMANA E DEUS COMO FORMADOR

Os “formadores” da pessoa podem e devem proporcionar materiais formativos necessários. Oferecer materiais formativos que evidencie a responsabilidade de si mesmo e dos outros, pois, “a preparação técnica não garante uma preparação moral, apesar de ser importante” (BELLO, 2015, p. 134), a formação do homem depende da sua livre atividade. Quem oferece formação, deve proporcionar em forma de assimilação, o que não garante que uma certeza da assimilação deste material proposto.

A formação do homem para Stein, é obra da Divina Providência. Deus concede a disposição natural, como semente, de modo a desenvolver e evoluir. Mas, o processo evolutivo, depende de fatores externos e da livre vontade do homem. Deus pode intervir nesse processo, e sem a Graça Divina, nenhum material pode transformar a natureza de um homem. A graça de Deus e a liberdade humana, juntamente com os materiais formativos propostos pelo educador, devem estar de acordo no processo formativo.

Stein aponta a graça mística como possibilidade sobrenatural na formação do humano. Ela “é a confirmação experimental do que ensina a fé: a presença de Deus na alma” (STEIN, 2013, p. 457). Assim, a fé é fonte de energia, pois, “Deus não exige nada aos homens sem dar-lhes ao mesmo tempo a força necessária para cumprir [...] O Espírito de Deus é sentido e força” (STEIN, 2013, p. 458). O homem, portanto, sendo incompleto busca sua completude no Ser Eterno por meio do Arquétipo.

## O ARQUÉTIPO

“Qual é a imagem segundo o qual se deve formar o homem?”, pergunta Stein. O Filho de Deus é a imagem mais perfeita das criaturas. “O Logos eterno é o fundamento

ontológico da unidade da humanidade, que dá sentido à educação e a faz possível. Quando as ideias do homem se inspiram nele, proporciona uma sólida base da pedagogia e a todo trabalho educativo” (STEIN, 1998, p. 29). Somos imagem de Deus, porém, somos imagens imperfeitas. Jesus Cristo é a imagem perfeita e a figura modelo de todo processo formativo.

A Graça Divina humaniza a pessoa de maneira tão intensa que revela a divindade nela escondida. Desperta Cristo-figura nela que é ponto de orientação de ser. Assim, Cristo é “o arquétipo e a cabeça da Humanidade, a forma à qual se ordena todo ser humano e que dá a ele seu sentido’. Com efeito, quanto mais ‘um ser criado se aproxima do arquétipo divino de todo ente, mais ele é perfeito” (RUS, 2015, p. 118). Cristo, o Verbo Eterno, é a palavra criadora e formadora.

Na verdade, a formação é um processo *mistagógico* e eterno. A eternidade, nesse sentido, é viva, dinâmica e criativa. Como preceitua Stein, a empatia de Deus na vida do humano é fonte de conhecimento perfeito. Existe, uma pedagogia perfeita e, por isso, é justo para a alma, confiar nessa condução formativa, porque “Deus, enquanto possuidor de um conhecimento perfeito, não se enganará sobre as vivências dos homens como os homens se enganam entre si sobre suas vivências” (STEIN, 2005, p. 88). Insurge daí uma educação ao nível da peculiaridade pessoal, tornando-a humana, em processo contínuo de formação e mantenedora da imagem Arquetípica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A empatia de Deus é perfeita. É arbitrário o ser humano não confiar no seu Criador, pois, ele mora na “alma da alma”, no mais profundo do ser pessoal. A formação de Deus atinge o núcleo da pessoa humana. Fica evidente no processo formativo uma pedagogia empática como compreensão das vivências pessoais do formando de modo a gerar uma aprendizagem. Se na empatia acontece uma compreensão mediada pela percepção e apreensão há de ser a didática uma atitude de despertar a percepção, apreensão e compreensão no educando. Verificamos que a empatia enquanto vivência *sui generis* se mostra como uma via eficaz de aproximação educando-educador e elo de apreensão do objeto oferecido pela pedagogia.

A empatia, portanto, é uma possibilidade de ensino-aprendizagem. Sberga acrescenta que: “A empatia abre para o educador a perspectiva de reconhecer no educando um ‘Tu’ que vive ‘si mesmo’ assim como [o eu vive si mesmo]: portanto, o ‘Tu’ é um ‘outro Eu” (STEIN, 1917/1998, 121) (SBERGA, 2014, p. 219). O processo formativo, então, é ininterrupto porque nunca alcançaremos um conhecimento perfeito. Por isso:

Nunca estaremos em condições de poder acomodar nosso trabalho de formação, em nós mesmos e nos outros, com infalível segurança. Só estaremos seguros si nos colocarmos incondicionalmente nas mãos Daquele que é o único que sabe o que tem que ser de nós, e que é o único que tem o poder de conduzir-nos nesta meta – com a condição de que tenhamos boa vontade (STEIN, 2003, p. 194).

Jesus Cristo, o Filho de Deus, em suma, é o arquétipo da formação humana, cujo Deus Pai é o formador. O homem é livre e espiritual, ou seja, pode penetrar no sentido das coisas. Por isso, ele, com a Graça de Deus, pode e deve contribuir para sua formação pessoal. O ser pessoal é sua meta enquanto ser humano.

## HUMAN AND HIS PERSONAL EDUCATION IN EDITH STEIN: AN EMPATHIC GESTURE

*Abstract: human formation through empathy is timeless. Reading the writings of Edith Stein, we have the feeling that they were written exactly in modern times. This thinker presents a Christian Judaic perspective on the importance of human formation for the vocational experience from a particular archetype: Jesus Christ. It is for this reason that we present this study whose proposal is to observe the steps taken by this theologian in her analysis of the concept of human person, from an anthropology, which it subdivides as follows: inanimate matter (objects), animate (vegetative) matter and the animal soul (sensory) to arrive at the specifically human; the person. Edith Stein, canonized as Santa Tereza Benedita da Cruz, hopes that every pedagogical act is based on an anthropology as a foundation, always starting from the fundamental question: what is the human being? This issue defines the vision and the educational act. Zoology and anthropology are parallel disciplines, since both study the animal, be it the irrational or the rational, but they are not equal, because in the rational animal the individuality acquires singular meaning while the other does not. For this woman, no animal science parallels the sciences of the spirit. The animal lacks internal meaning and its soul has no depth. In the human person there is an inner core, the “soul of the soul,” the “most intimate, most spiritual interior.” In short, the human being possesses a rational soul as the abode of the personal spirit, which will be formed by having Jesus as the archetypal base.*

**Keywords:** *Personal formation. Empathy. Human being. Edith Stein.*

### Notas

- 1 “A palavra alemã utilizada por Husserl (Einfühlung) é composta por três partes, o núcleo *fuhl* significa ‘sentir’. Há na língua grega uma palavra que poderia corresponder a *fuhl* (e a *feeling*, derivada da língua latina): *pathos*, que significa ‘sofrer’ e ‘estar perto’. A palavra *empatia* é uma tentativa de tradução desse sentir em termos linguísticos espontâneos do ser humano, para sentir o outro. Uma outra tradução poderia ser *entropatia*. [...] Usamos *entropatia* para dizer que, imediatamente, captamos que estamos diante de seres viventes como nós” (BELLO, 2006, p. 64-65).
- 2 Por materiais formativos entende-se o conteúdo que o educador se utiliza para ensinar, formar, transmitir conhecimento.
- 3 Entendemos por ação a pessoa enquanto fenômeno, manifestação, ou utilizando-nos de um termo teológico, *teofania*.
- 4 Esta e as demais traduções do espanhol são de nossa autoria.
- 5 Entende-se aqui o termo “lugar” como o lugar da ultimidade do eu.
- 6 A “Sétima Morada” é um conceito de Tereza D’Avila, na obra *Castelo Interior*, 2001.

### Referências

- ALMEIDA, R. Elesbão de. A empatia em Edith Stein. *Cadernos IHU*, ano 12, n. 48, 2014.
- ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica*. Org. e trad. de Clio Tricarico; prefácio e revisão técnica de Juvenal Savian Filho. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BELLO, Angela Ales. *Pessoa e comunidade: comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Trad. de Miguel Mahfoud, Ir. Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

- BELLO, Angela Ales. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. de Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.
- HESCHEL, A. Joshua. *O último dos Profetas: uma introdução ao pensamento de Abraham Joshua Heschel*. Tradução de Tereza Tillet. São Paulo: Manole, 2002.
- RUS, Éric de. *A visão educativa de Edith Stein: uma aproximação a um gesto antropológico integral*. Trad.: Isabelle Sanchis. Revisão técnica: Juvenal Savian Filho. Belo Horizonte: Ed. Artersá, 2015.
- STEIN, Edith. *Sobre el concepto de formación*. Obras completas: Escritos antropológicos y pedagógicos. IV. Burgos: Vitória Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003.
- STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. Vol. II. Traducción de Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Coeditores: Espiritualidad; Monte Carmelo; Ediciones El Carmen, 2005.
- STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. La traducción del alemán por José Mardomingo. Madri: Espiritualidad, 1998.
- STEIN, Edith. *Ser finito y ser eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Traducción de Alberto Pérez Monroy. Ciudad de México: Fondo del cultura económica, 2013.
- SBERGA, A. Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção filosofia em questão).
- TEREZA D'ÁVILA. *Castelo interior*. São Paulo: Loyola. 2001.
- WOJTYLA, Karol. *Persona y acción*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.